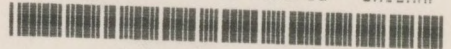


Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030274

Festa da Imprensa

Correio Popular 4.9.43

Jornalista e gráfico, campineiro e amigo que fui de Alvaro Ribeiro, residindo próximo à residência comercial do mesmo, não poderia esquivar-se, na data em que se comemora mais um aniversário de seu jornal "Correio Popular", contribuir com meu grão de areia nessa celebração cívica, exaltando a mais gloriosa e invejada tribuna do pensamento humano: o jornal.

Este fato faz voltar minhas recordações a 47 anos passados, quando, por outro Ribeiro e também campineiro, entrava eu para a tipografia do "Comércio de S. Paulo". Era seu gerente, no período mais aureo do jornalismo nacional, Antonio da Rocha Ribeiro e diretor o inimitável Eduardo Prado, acompanhado de Afonso Arinos e Couto de Magalhães Sobrinho.

Ali aprendendo-se tipografia e aprendia-se tudo: administração, maquinismo, impressão e reportagem e redação. Couto de Magalhães um dos mais carinhosos e competentes jornalista-secretário, queria que todos soubessem desde a caixa até à mitologia poética e, assim, raros foram os gráficos, revisores, redatores, que não fossem como ele proclamava: "jornalista de verdade". Um ano depois fazíamos parte do jornal de Gomes Cardim editado no Bras e gerido por um sorocabano. Não pagos, abandonamos esta folha e seguimos para nossa terra, onde, com pouco mais de 14 anos, recebíamos das mãos de Paulino Sarmiento (a quem os destemidos e brilhantes Alberto e Antonio Sarmiento haviam entregue a direção da folha mais querida e respeitada de todo o Estado de São Paulo) a cheia das oficinas do "Diário de Campinas", ali dedicando-nos com incançável entusiasmo, com quantos recursos dispunhamos.

Tempos penosos, cada um devia multiplicar-se por quatro. Iamos buscar a notícia, compunhamos e paginávamos. Dessa forma aplicávamos os ensinamentos de Couto de Magalhães. Não resistiu à crise o "Diário" fechou suas portas, atirando-nos com todas as esperanças e entusiasmo, sem recebermos nossos vencimentos, à rua.

Alberto de Faria, o impenitente boêmio e polemista, farpista dos mais temidos dentro e fóra de Campinas, acabando seus dias como titular da Academia Brasileira de Letras, mantinha, com fantástico heroísmo e inenarráveis sacrifícios a gloriosa "Cidade de Campinas". Todos, adversários e amigos, simpatisantes ou indiferentes, precisavam ler a "Cidade" e esta, frequentemente, não tinha papel para ser impressa. Composta quase sempre ficava, com mais ou menos matéria, corpo 12 entrelinhado ou não, mas, o papel era a tragédia máxima! Finalmente, Alberto entrava com o papel, e, desembaraçando-se do fraque ou paletó e chapéu no cocuruto, entrávamos a "motorisar" a velha Alauzet para imprimir o jornal...

Cumprindo este heroico serviço, quasi sempre pela madrugada, porque antes dela não aparecia santa a fazer o milagre do papel, lá estávamos nos revezando na manivela do prélo e, afinal, suando e estafados, com desusado orgulho e ufanía, vínhamos para a rua sobraçando maços de jornais, que, muitas vezes, quando raramente falhava o velho entregador (que também fóra do "Diário", esguio e barbicha bem tratada e alva, residindo na rua S. Carlos, parece-nos ("sêo" Bento) iamos fazer a entrega para as pessoas interessadas e determinadas por Alberto de Faria.

Mas, apesar dessa maravilhosa sedução que a "Cidade" exercia em todos nós, não havia remuneração. Era "paixonite gutenbergueana" — segundo dizia o Alberto — e impunha-se algum recurso para as demais necessidades biológicas do corpo e da alma da gente...

Trabalhamos alguns dias no "Correio" do simpático Gabriel de Carvalho, substituindo um gráfico enfermo. Depois,

encontramos emprego do "Livro Azul", de Castro Mendes. Dia sim, dia não, lá iamos à "Cidade" prestar nossa cooperação de entusiasmo e simpatia. Nessa "via crucis" conhecemos a Henrique de Barcelos, Alvaro Miller, Cesar Bierrenbach, Benedito Otavio, Sebastião de Campos, poeta que para viver precisava ser compositor, Villagelin Neto, e tantos outros.

No "Livro Azul" coube-nos editar a "Autobiografia do dr. Francisco de Assis Vieira Bueno", de mais de 300 páginas e onde acompanhamos a vida política da Nação desde o segundo imperio até àquela data. Era intendente de Campinas, seu filho, e, por sinal, que um notavel clinico.

Acossados os salesianos do Asilo Nossa Senhora Auxiliadora pela entrega de um relatório da Cia. Mac-Hardy, obtiveram de Castro Mendes que para lá fossemos dirigir sua tipografia e lá ficamos enclausurados durante mais de um mês, com notavel desespero de Alberto de Faria, faltando-lhe o "brago direito", como ele dizia.

Henrique de Barcelos e outros resolvem fundar o "Comércio de Campinas" cujos primeiros números, com Barbosa, paginamos e entregamos ao público.

Daf em diante, empolgados pela organização proletaria de nossa terra, regressando a São Paulo, além de prestar nossos serviços gráficos, escreviamos nos jornais de tendencias liberais e socialistas, até que, em 1907 rumavamos, auto-exilados, para a Europa.

Residindo próximo ao estabelecimento comercial de Alvaro Ribeiro, antes que o mesmo fosse empolgado pela vida publica de Campinas, com ele mantivemos relações afetivas e de grande simpatia. Sempre foi um abnegado e um apaixonado pela causa pública.

Espirito brilhante de lutador e liberal, sofria com as injustiças aos seus semelhantes e lastimava que a vitabilidade de Campinas permanecesse em situações pejorativas. Queria para Campinas tudo quanto exige uma metropole dinamica e cheia de vitalidade. Defendeu-a na Camara Municipal, nas associações, e, quando aí, não ficando satisfeito, fundou o jornal e dessa tribuna pontificou com raro brilho e não menos rarissimo devotamento e sinceridade.

Alvaro Ribeiro completou a quadro jornalístico que Campinas reunia em seus limites: Barcelos, Bierrenbach e Alberto de Faria, quais bayardos "sans peur et sans reproches" deveriam imelar à sua terra todas suas resistencias e cuidados!

Fóra da "cidadela" lá estariam Alberto Sarmiento, Alvaro de Carvalho, Campos Sales, Julio Mesquita, José Maria Lisboa, e tantos outros, empunhando o simbolo que tão ardorosamente Campinas levantára: a Republica e a Abolição. Em Campinas, defendendo as trincheiras, mais próximo do sofrimento de suas criaturas, ficaram Henrique de Barcelos, Leopoldo Amaral pelo "Estado", Alvaro Miller, Villagelin, Rodolfo Noronha, Bierrenbach, e finalmente, Alvaro Ribeiro, realizando essa tribuna livre entre as mais livres que é o "Correio Popular".

Alvaro Ribeiro viveu e ensinou sua folha a viver sempre pronta e esposar causas em favor da Republica, da Democracia, da Liberdade e da Justiça. E com esses exemplos e propositos legou à Imprensa campineira uma corôa de glórias e uma responsabilidade moral de magnifica grandesa. Ela está respeitando e obedecendo com fidelidade essa tarefa e deveres. E nós campineiros, vivendo fóra da "cidadela", quando recordamos tudo isso, sentimo-nos profundamente emocionados pelo passado e o presente e sentimos despertar todas as mais gratas recordações de uma vida cheia de sonhos e esperanças, desilusões e realidades, e como Alvaro Ribeiro, olhos fixos na Imagem da Pátria, a quere-la radiante de gloria e de felicidade!

S. Paulo, 4 de Agosto de 1943.

JOÃO CASTALDI
Diretor da "A CAPITAL"